

CRÔNICAS

4.12 HOJEEMDIA.COM.BR  
GRANDES BANQUEIROS MINEIROS  
Aristóteles Drummond  
09 de Novembro de 2014



## ARTIGOS

## Grandes banqueiros mineiros

Aristóteles Drummond

opinião@hojeemdia.com.br

**M**inas Gerais já foi conhecida como a terra dos grandes banqueiros, criadores de uma das melhores e sempre pioneiras instituições da América Latina, com uma capilaridade impressionante. O serviço de compensação de cheques nacional, por exemplo, foi desde sempre rápido e eficiente. Um cheque era compensado em 24 horas na mesma cidade – denominada praça – 48 horas entre as principais capitais e de 72 a 96, em qualquer ponto do território nacional. Isso quando em Nova York um cheque levava até dez dias para ser compensado a um quarteirão de distância.

Coerente com a mobilidade social do Brasil, nossos maiores banqueiros tiveram origem modesta em sua maioria, enquanto em São Paulo os bancos vinham das famílias denominadas de quatrocentonas, com exceções à regra, como a do caso do Bradesco. Mas o Comind era dos Whitaker; o Noroeste, dos Cochrane Simonsen; o Mercantil Fina-sa, dos Bueno Vidigal; o Auxiliar, dos Bonfiglioli; o Português do Brasil, dos Silva Gordo e af por diante. E muitos emprestaram sua cota de prestação de serviço público, como José Maria Whitaker, ministro de Getúlio Vargas, Amador Aguiar, secretário de Finanças de Adhemar de Barros, e Gastão Vidigal.

Em Minas, entretanto, foram personalidades mais fortes, mais presentes na vida pública e na associativa. Desde Clemente Faria, do Lavoura, que depois foi dividido entre os filhos Aloisio e



Gilberto, no Real e no Bandeirantes, hoje com o Alfa de Aloisio, ativo banqueiro aos 90 anos. O BMG, o primeiro, do colosso que foi Manoel Ferreira Guimarães, que presidiu a Associação Comercial do Rio de Janeiro e deixou uma descendência na atividade bancária, hoje em duas ou três instituições de prestígio. Magalhães Pinto – que foi o mais moço presidente da Associação Comercial de Minas, deputado, governador, líder civil da Revolução de 64, ministro das Relações Exteriores e presidente do Senado – gerou uma equipe dinâmica e reformadora, como seu sobrinho **José Luiz Magalhães Lins**, até hoje não superado no carisma e na inovação no sistema bancário brasilei-

ro. O Nacional chegou a incorporar outro gigante, da família Guimarães, o Comércio e Indústria de Minas. Walter Moreira Salles, banqueiro, empresário, criador da CBMM, exemplar mineradora, que merecia uma grande biografia bem divulgada, que de sócio do pai numa Casa Bancária em Poços de Caldas chegou a participar de bancos internacionais, tendo sido ministro da Fazenda e embaixador do Brasil em Washington. Oswaldo e Vicente Araújo, e filhos, sobrinhos e netos desta fortaleza chamada Mercantil do Brasil, coligada à então poderosa seguradora Minas-Brasil, surgiu em Curvelo em 1940 e está entre os maiores do Brasil.

Minas deu ao Brasil

banqueiros de sucesso, não necessariamente longevos no setor bancário, mas inovadores e de vocação inata, como João Nascimento Pires, do fenômeno chamado Mineiro do Oeste, e bancos que serviam de tesouraria para seus donos, como o Financeiro do legendário Antônio Luciano. E mais os de Alberto Freitas Ramos, Sandoval de Moraes, Teófilo de Azeredo Santos, Geraldo Correa, personalidades que ganharam prestígio e respeito em nível nacional. E os oficiais Banco do Estado, Crédito Real, Mineiro da Produção, depois unidos no Bemge, por cuja direção passaram nomes da força de José Hugo Castelo Branco e Joel de Paiva Cortes.

Jornalista e escritor